



Sessão temática: Trabalho, questão social e Serviço Social.

Mesa coordenada Dependência, padrão de reprodução do capital e questão social no Brasil e na América Latina

MARXISMO, QUESTÃO SOCIAL E CAPITALISMO DEPENDENTE

MARINA MACHADO DE MAGALHAES GOUVEA¹

Resumo: O presente artigo reúne algumas considerações em torno ao *materialismo* e à *concretude*, visando à problemática das especificidades da ‘questão social’ na América Latina e Caribe e particularmente no Brasil. Divide-se em quatro seções: a primeira dedicada a apontamentos sobre o marxismo como filosofia da práxis e o caráter necessariamente histórico e dialético do materialismo; a segunda dedicada à breve exposição do empiricismo e do essencialismo como dois influxos idealistas frequentes no marxismo; a terceira e quarta trazem considerações sobre a necessidade de abandono dos influxos empiricistas e essencialistas para a investigação da dependência e da ‘questão social’ na região.

Palavras-Chave: Marxismo; Capitalismo Dependente; Questão Social.

Resumen: Este artículo reúne aportes acerca del materialismo y la concretud, mirando hacia la problemática de las especificidades de la ‘cuestión social’ en América Latina y Caribe y particularmente en Brasil. Tiene cuatro apartados: el primer, dedicado a apuntes sobre el marxismo como filosofía de la práxis y el carácter necesariamente histórico y dialéctico del materialismo; el segundo dedicado a una breve exposición del empiricismo y el esencialismo como dos influjos idealistas frecuentes en el marxismo; el tercero y el cuarto traen consideraciones sobre la necesidad de abandono de estos influjos empiricistas y esencialistas para la investigación de la dependencia y de la ‘cuestión social’ en la región.

Palavras-Clave: Marxismo; Capitalismo Dependente; Cuestión Social.

1 INTRODUÇÃO COMENTÁRIO PRELIMINAR

O presente artigo reúne algumas considerações em torno ao *materialismo* e à *concretude*, isto é ao *método materialista histórico-dialético de continuada compreensão e atuação sobre a realidade social*, focando a problemática da compreensão das especificidades da ‘questão social’ na América Latina e Caribe e particularmente no Brasil.

Divide-se, pois, em quatro seções: a primeira delas dedicada a apontamentos sobre o marxismo como filosofia da práxis e sobre o caráter necessariamente histórico e dialético do materialismo; a segunda se dedica à breve exposição do empiricismo e do essencialismo como dois influxos

¹ Professora com formação outras áreas. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: <trabalhos@alvoseventos.com.br>.

idealistas frequentes no marxismo; a terceira traz considerações sobre a necessidade de abandono dos influxos empiricistas e essencialistas para a análise da dependência latino-americana; a última faz o mesmo considerando os desafios da apreensão sobre a particularidade da ‘questão social’ na América Latina e Caribe e particularmente no Brasil.

Quiçá na contramão da prática acadêmica mais comum, dispõem-se aqui algumas considerações sabidamente preliminares – repletas de faltas –, reunidas no intuito de suscitar um debate que consideramos muitíssimo pertinente e necessário ao Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, vinculado às distintas apreensões sobre o marxismo e à luta de classes.

Esperamos poder atingir esse objetivo.

2_ MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E FILOSOFIA DA PRÁXIS

Temos frisado em outros trabalhos (MACHADO GOUVEA, 2016, 2017) que o objetivo do marxismo *não é* compreender adequadamente a realidade, embora seja assim muitas vezes indicado, especialmente em ambientes acadêmicos – e mesmo em organizações políticas.

O objetivo de Marx, inclusive em sua contribuição teórica (práxis teórica) não foi compreender a realidade, mas sim transformá-la, como destacou o próprio revolucionário. E é relevante frisar isso, mesmo que soe como um “lugar-comum”, posto que é difundida com frequência a concepção de que o objetivo de sua crítica da economia política seria compreender o capitalismo em suas determinações mais essenciais². Compreender o capitalismo é sim um objetivo, mas um objetivo subordinado a outro maior, a uma finalidade maior. O marxismo tem como finalidade a prática de transformação societária, compreendendo a relação entre teoria e prática na unidade da práxis e em seu

2 Apenas para situar a questão, citamos a apresentação disponibilizada no site da editora Boitempo quando da publicação do primeiro volume da nova edição de *O Capital* preparada pela editora no marco de seu belíssimo projeto de reedição da obra de Marx, onde se diz: “*O capital* é uma contribuição basilar ao pensamento anticapitalista, em especial a tradição marxista, que de certo modo se consolida com este livro. O objetivo de Marx era, por meio de uma crítica da economia política, compreender como o capitalismo funciona. Diante desse desafio, ele desenvolveu um aparato conceitual e metodológico para entender toda a complexidade do capitalismo, as categorias que constituem a articulação interna da sociedade burguesa e a relação direta entre acumulação de capital e exploração da força de trabalho” (Disponível em <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/o-capital-livro-i-653>).

movimento continuado. O objetivo do marxismo não é compreender o capitalismo e sim contribuir para superá-lo, na medida em que se constitua historicamente como arma na luta por esta superação. Coloca-se como ferramenta teórica para a luta de transformação. O marxismo tem a *práxis como finalidade*.

Entender a práxis como finalidade remonta, portanto, à velha questão da relação entre teoria e prática, cuja adequada compreensão consiste na maior ruptura perpetrada pelo marxismo frente ao conjunto das ideias de seu tempo. Ao entender a práxis como finalidade, ao buscar um horizonte nada pequeno – superar a mercantilização, o capitalismo e as muitas formas capitalistas de opressão –, é preciso averiguar por onde superá-lo, como derrotá-lo. Basicamente é disso que se trata: reconhecer quais são as determinações mais essenciais e como estas sobredeterminam outras, através das quais também se reproduzem. Por isso, não é possível transpor experiências históricas de nenhum tipo. E, para isso faz-se imperativo ter a *práxis também como fundamento*. É aqui que reside a necessidade de conhecer a realidade. Pois não é possível trabalhar pela superação histórica daquilo que nós mesmos não compreendemos nas suas determinações mais essenciais. Para o marxismo efetivamente emancipatório, deve-se tratar de buscar partir da realidade como ela é, não da realidade como gostaríamos que ela fosse, ou mesmo da realidade tal como a percebemos imediatamente, na aparência. Não se trata, pois, de conhecer a realidade em sua aparência, mas sim de buscar apreender o conjunto de suas determinações e sobredeterminações, algumas mais aparentes e outras menos aparentes.

Cabe aqui problematizar brevemente a famosa 11ª Tese de Marx sobre Feuerbach à qual nos remetemos. Note-se que ela é comumente entendida apenas no sentido da finalidade de transformação com a qual iniciamos nossas considerações. E por isso, apenas em seu caráter de libelo à ação. Há aqui, contudo, uma outra importante ‘questão de método’, isto é, um importante divisor de águas sobre como perceber a realidade.

Mais que um libelo à ação – que é –, a 11ª Tese sobre Feuerbach é o reconhecimento da relação entre teoria e prática no fazer teleológico, na construção, ao mesmo tempo livre e condicionada, da realidade social. Sem

compreendê-la, não há como compreender a reprodução social e suas determinações mais essenciais. A compreensão apenas como libelo à ação deixa espaço para considerar que uma teoria que se tenha a si mesma como escolástica, desvinculada da prática, pode ainda assim compreender a realidade e que apenas não agirá para transformá-la. Mas isso é um equívoco! Sem compreender a relação entre teoria e prática na reprodução material da existência humana, isto é, no fazer histórico (e que é, ela mesma, historicamente determinada), não há como chegar a uma compreensão materialista – que, ao sê-lo é sempre *histórica* e dialética. Termina-se tendo que recorrer necessariamente a idealizações prévias, para explicar a realidade.

Isso nos leva à necessidade constante e continuada de autocrítica. Porque a própria realidade social é histórica, está em continuado movimento. E se a formulação teórica não se movimenta também, fossiliza-se, ossifica. Torna-se mero formalismo idealizado que, supõe-se, deve “manifestar-se” na realidade concreta. Nada mais próximo ao ‘espírito absoluto’ de Hegel. Considerar possível a construção pronta e acabada de um ‘método’ de análise a ser então ‘aplicado’ à realidade reduz o marxismo a uma caricatura da ciência burguesa.

O que não significa que as tendências predominantes do movimento do real sejam incognoscíveis, claro está. As determinações mais essenciais da realidade social, exatamente por seu caráter concretamente essencial à reprodução material, tendem a universalizar-se. Em termos filosóficos, constituem concretamente o “momento predominante” da reprodução material. (Assim, o essencial tende materialmente a universalizar-se. Mas o contrário não é verdadeiro, e nem tudo que percebemos como universal constitui também os complexos de determinações mais essenciais à reprodução material).

A compreensão do real deve estar também em continuado movimento, em continuado confronto com o real, partindo sempre do real, sob a pena de tornar-se ela mesma uma idealização. Não existe método acabado que possa “ser aplicado” à compreensão do real a partir de uma concepção idealizada prévia. Não basta, portanto, apenas conceber idealmente o que seria a

realidade com base em conceitos, estabelecendo toda uma teoria do que é a realidade, pois *o critério em última instância é a própria práxis*.

As considerações anteriores podem parecer muito simples, e o são, uma vez apreendidas. São apresentadas aqui de forma extremamente sintética. Mas trazem importantes implicações práticas. Se existe essa relação entre teoria e prática, no sentido em que o ser humano – ou seja, nós – é um animal que planeja suas realizações, que projeta as coisas antes de fazê-las, em qualquer aspecto da vida está colocada a relação entre teoria e prática, por esse próprio pôr teleológico.

Essas considerações trazem apontamentos fundamentais sobre a relação entre *método* e *técnica*, que não podem vir dissociados da concretude, formalizados de maneira estática para aplicação posterior à realidade prática. (Trata-se de uma observação fundamental no Serviço Social, posto que na formação e atuação muitas vezes se indica que parece haver uma desvinculação entre a “teoria” e a “prática” da/o assistente social. Não se trata de “aprender direitinho” uma série de categorias essencializadas e idealizadas, como competência teórico-metodológica, para *aplicá-las mecanicamente* à realidade como competência técnico-operativa segundo uma orientação político-ética. Por meio desta essencialização e idealização, teoria e prática sempre aparecerão descoladas.)

O primeiro ponto que destacamos é este, portanto: o objetivo do marxismo não é conhecer a realidade; *o marxismo tem a práxis como finalidade, como fundamento e como critério da teoria*. É a primeira concepção teórica a reconhecer, através de um processo de desidealização, o lugar da própria teoria em sua relação com a prática. Toda e qualquer formulação teórica tem a prática como finalidade, fundamento e critério. Por seu caráter finalístico ético-político e de transformação societária, o marxismo deve fazê-lo de maneira radical.

2_ MARXISMO, EMPIRICISMO E ESSENCIALISMO

A afirmação de que o critério em última instância da verdade teórica é a própria práxis remete à expressão tão comumente utilizada nos âmbitos marxistas e em organizações militantes, de que o critério da verdade é a prática. Tomar a prática como critério da verdade não é, contudo, tão simples como pode à primeira vista parecer.

Não basta dizer que a realidade comprovou o que nós pensamos teoricamente, pois a própria percepção empírico-sensorial também passa por uma mediação conceitual. Só somos capazes de percepções tão sensoriais quanto “frio”, “quente”, “verde”, ou “amarelo”, por exemplo, através de um inevitável processo de mediação teórica, associado à forma especificamente humana de apreender a realidade.

Marx propõe uma ruptura com a divisão entre razão e sensação que caracterizava o embate da filosofia burguesa entre racionalismo e empirismo há dois séculos. Considera ambos como correntes idealistas. (Neste sentido, destacamos a unidade do “sentipensar” que as lutas comunitárias dos povos originários têm aportado na América Latina, a partir de uma matriz de conhecimento irreprodutível na dinâmica societária capitalista fora daquelas comunidades.) Como seres humanos, só reconhecemos a realidade através da abstração teórico-conceitual. Então, o próprio reconhecimento da realidade concreta não é ‘somente empírico’, no sentido empiricista; passa sempre por uma mediação teórica. Parece ser tarefa simples, que remete apenas à verificação empírica das formulações teóricas, como no método científico burguês. Mas vai muito além (e quanto mais complexa a realidade a ser apreendida, maiores as mediações necessárias e maior o espaço, portanto, para os embates de tática e estratégia).

O empiricismo tende a considerar como abordagem materialista sobre a realidade aquela que reconhece apenas as determinações concretas mais imediatamente perceptíveis. Num exemplo fácil, seria como observar uma garrafa plástica de água (concreta, não uma ‘garrafa ideal’, mas qualquer garrafa concreta específica, existente) e reconhecer, por exemplo, sua tampinha branca, a cor azul da garrafa, o fato de que é de plástico, o formato da garrafa, tudo aquilo que se consegue reconhecer imediatamente, tomando esta apreensão por uma apreensão materialista, por se ater a ‘percepções

concretas'. Sem identificar, contudo, outras determinações tão concretas quanto essas, mas que exigem uma mediação teórica mais elaborada, exigem um maior esforço de abstração para serem reconhecidas. Seguindo neste exemplo: não reconhecer que nossa garrafa é concretamente uma mercadoria é *deixar de reconhecer sua própria existência material*; é abandonar de vez o materialismo, afinal, não fosse ela uma mercadoria, sequer existiria. Não teria sido produzida, em sua concretude. Nossa garrafa concreta foi concretamente produzida visando ao lucro, foi produzida enquanto mercadoria, e esta é uma determinação de sua existência material. Atentemos, aqui, a algo muito importante: As determinações que exigem uma maior abstração para que sejam reconhecidas não são, portanto, elas mesmas 'determinações abstratas'. Não existem 'determinações abstratas', a abstração se restringe ao plano da ideação, que informa a transformação do real, mas não é, ela mesma, a transformação do real. A garrafa plástica do exemplo é *concretamente* uma mercadoria (embora o reconhecimento teórico desta condição exija um maior esforço de abstração).

O empiricismo – que Marx critica, por exemplo, em Feuerbach – é idealista porque reconhece apenas o que está imediatamente colocado. O mais aparente. É um materialismo mecanicista, que, ao não partir da História (da concretude, que exige raciocínio dialético em sua apreensão), não percebe todas as determinações materiais. Frequentemente são justo os complexos de determinações mais essenciais à própria reprodução material (isto é, à existência) que não são reconhecidos. Afasta-se, portanto, da própria existência concreta para tentar explicá-la – bem como para tentar explicar as determinações mais imediatas do real, que são de fato apreendidas. Para explicar a existência destas determinações efetivamente apreendidas, recorre-se assim à idealização de outras, tidas como essenciais sem apreendê-las na própria realidade material e em sua reprodução. (Feuerbach recorre à sua concepção sobre a essência humana, por exemplo, que determinaria a História. Quando 'materialista', não considera a história, apenas o imediato, e, quando passa a levá-la em consideração, o faz de maneira idealizada, como afirma Engels).

Na teoria econômica – e na teoria social em geral –, este *influxo idealista empiricista* é muito comum na aproximação às formações sociais particulares. Reconhece-se apenas as determinações materiais mais aparentes, que configuram de fato características específicas daquelas formações sociais (como, no caso dos países dependentes, o desemprego, a miséria, os baixos salários, as más condições de trabalho, os fluxos migratórios, a ausência relativa de direitos, a fuga de capitais, a primarização, etc.). Para explicar o porquê da existência das características descritas, contudo, tem-se que recorrer a concepções idealizadas sobre a “essência” daquelas formações sociais.

Esta reflexão traz consigo, ainda, uma importante nota sobre universalidade e essencialidade. Reflete, assim, as diferenças entre o processo teórico de abstração que busca apenas identificar as determinações aparentemente mais comuns e universais a uma determinada realidade, por um lado, e aquele que busca compreender as determinações mais essenciais à sua reprodução. Nem todas as determinações concretamente universais (perceptíveis através da abstração de características singulares ou particulares) são as mais essenciais à reprodução social, embora o mais essencial tenda sempre a universalizar-se, como já se fez referência.

Por outro lado, e até para combater esse erro, às vezes alcançamos perceber as determinações mais essenciais de determinado processo, mas, neste movimento, apegamo-nos tanto àquele “achado” que o idealizamos, como se o mesmo pudesse existir concretamente dissociado (ou antes) de outras determinações, particulares.

Este *influxo idealista essencialista* é muito comum nas lutas políticas. Reconhecendo o caráter essencialmente sobredeterminante da opressão de classe sobre outras formas de opressão (afinal, a própria reprodução destas várias formas de opressão responde à reprodução societária capitalista), incorre-se em uma idealização da opressão de classe, como se ela pudesse materialmente existir e se reproduzir sem a reprodução também de todas as outras formas de opressão.

Vejamos o caso do patriarcado capitalista e da questão de gênero, por exemplo: o trabalho doméstico feminino não pago faz parte, materialmente, da

reprodução da força de trabalho. Não existe socialmente a reprodução da mercadoria força de trabalho sem a reprodução do trabalho doméstico feminino não pago, que está na base da forma especificamente capitalista da reprodução da opressão patriarcal (embora não seja a única forma de reprodução dessa opressão). Não existe um antes, outro depois. De modo que, apesar da existência de sobredeterminação e determinação, não é correto que uma luta venha antes e a outra depois.

Ou no exemplo da garrafa: é como se esta pudesse ser mercadoria (concretamente, não abstratamente), *antes* de ser de plástico, sem ser azul, etc. Como se pudesse existir concretamente sem existir, manifestando-se em sua própria existência.

A única maneira de chegar à conclusão de que a garrafa pode ser mercadoria sem ser de plástico, etc., é através do processo de abstração teórico-conceitual que é efetivamente necessário para perceber suas determinações mais abstratas. Isso dá a impressão de que estamos praticando o materialismo histórico e dialético, a partir das propostas mais centrais ao marxismo. Ao extrapolar contudo esse processo, *essencializando* aquela abstração independentemente de sua reprodução concreta, a mesma deixa de constituir um reflexo da existência material e passa a ser uma idealização estática. Novamente, não se toma a prática (a existência material) como critério da verdade. Também aqui, postula-se uma absurda *separação entre essência e existência*.

É esta a essência da crítica que Marx e Engels fazem a Hegel, a seu excessivo racionalismo, ao “Império da Razão”. Mesmo partindo inicialmente do concreto, da existência, postula-se idealmente uma essência do concreto cujo movimento deve, a partir de então, retornar e “manifestar-se”, ou “expressar-se” novamente no concreto.

O essencialismo é particularmente frequente na crítica da economia política partir das ‘ciências econômicas’, onde não raro se diz que ‘a lei do valor se manifesta na realidade concreta’, como se ela mesma fosse uma “determinação abstrata” (o que é um contrassenso), a partir da qual a história deve manifestar-se. O marxismo se fossiliza, formaliza-se, e se torna uma imitação caricata do método científico burguês.

Também aqui aparece o “antes” e o “depois”, como se a garrafa pudesse ser mercadoria *antes* e garrafa *depois*.

Seguindo o fio condutor ao qual Marx chega³, e que guia sua investigação materialista da realidade concreta – o que é já um pleonasma, pois a realidade sempre é concreta. Ainda mais se pretende-se uma análise cuja finalidade é revolucionária, conclui-se que precisamos *compreender a concretude na totalidade*. É fundamental compreender a realidade na sua totalidade, seu conjunto de determinações. E compreender isso significa partir das características mais imediatas e entender o que é fundamental para própria reprodução da existência, entender o que é fundamental para a própria reprodução da realidade social. E a partir dessa compreensão, tratar também de re-compreender aquelas determinações mais imediatas, cuja existência é por elas sobredeterminada. (Neste caminho é possível, para finalizar o exemplo da garrafa, entender que a garrafa é uma mercadoria, e assim entender por que ela é azul – para mostrar que a água parece mais pura e vender mais, por exemplo.) Então é possível não somente se limitar à descrição das coisas – e dos processos históricos, da formação social brasileira, da conjuntura –, mas compreender o porquê elas existem, da maneira que elas existem e se reproduzem concretamente. Esta compreensão deve estar em movimento, em continuada autocrítica. A forma-mercadoria se universaliza porque é concretamente essencial à reprodução material da vida (constitui concretamente o momento predominante daquela reprodução), não porque, enquanto “determinação abstrata”, *manifesta-se, expressa-se ou desdobra-se* na realidade concreta.

Remete-se, assim, à questão da totalidade concreta como unidade. À questão da concretude das determinações mais essenciais e não apenas das mais particulares. E, portanto, à necessidade de considerar sob o prisma da totalidade aquela essencialidade, que tende a universalizar-se. E de considerar sob o prisma da totalidade também as particularidades, na medida em que se reproduzem a partir da própria reprodução das determinações mais essenciais. Em suma, a necessidade, no marxismo, de tomar como único pressuposto a

3 Que se resume à necessidade de *partir da história* na investigação do real, isto é, compreender que, para fazer história, os homens (e mulheres) devem estar vivos e, para tanto, reproduzir materialmente suas vidas (cf., de Marx e Engels, *A ideologia alemã*).

existência concreta. A clareza e o conteúdo disruptivo das formulações de Marx é realmente impressionante. Muito impressionante. Sempre mais, a cada nova leitura, a cada arrebentar e reconstruir, a cada aprofundamento na compreensão. É ainda mais impressionante se considerarmos que sua obra foi escrita em um momento no qual a forma-mercadoria apenas começava a se generalizar.

3_DEPENDÊNCIA LATINO-AMERICANA E CONCRETUDE

A superação do capitalismo nos países latino-americanos não pode se dar fora da luta pela integração solidária, latino-americanista e rechaçando a forma-mercadoria (e, portanto, a lei do valor). Não existe processo de transição para o socialismo possível na região do mundo na qual vivemos fora da luta contra as opressões que particularizam a reprodução capitalista em Nuestra América. E não existe processo de transição para o socialismo possível na região fora do compartilhamento não mercantil das potencialidades regionais de satisfação das necessidades sociais.

As mesmas determinações concretas que conferem veracidade a estas afirmações são, contudo, também a base material para a difusão da defesa do desenvolvimentismo na América Latina. Em geral fundado na defesa da necessidade de superar o ‘capitalismo *latino-americano*’, não o ‘capitalismo latino-americano’.

O pressuposto fundamental deste jogo de palavras, claro está, é de que seria possível superar as mazelas particulares ao capitalismo na América Latina sem a superação da própria forma societária capitalista, chegando, nesta concepção, a um capitalismo ‘mais desenvolvido’ do ponto de vista econômico, social e político. Tal indicação é possível apenas se partimos de uma apreensão empiricista sobre a dependência, deixando de enxergá-la como complexo de determinações concretas da reprodução capitalista.

A teoria marxista da dependência, na qualidade de conjunto de formulações teóricas a partir do marxismo (e portanto buscando partir da totalidade concreta, que compreende singular, particular e universal) sobre as

determinações particulares ao desenvolvimento capitalista latino-americano que configuram concretamente o complexo denominado como dependência, embora também possa incorrer em essencializações, aporta importantes reflexões para a crítica a uma perspectiva desenvolvimentista e para a luta pela superação do capitalismo na América Latina.

Muitas das particularidades do capitalismo latino-americano (e brasileiro) são verificáveis empiricamente e se encontram amplamente descritas em obras sobre a formação social latino-americana (e brasileira), o desenvolvimento capitalista na América Latina (e no Brasil) e as particularidades da questão social e de suas refrações no Brasil (não há muitas obras sobre a questão social na América Latina). As possíveis divergências se encontram no embate sobre o porquê destas particularidades existirem e se reproduzirem, afinal toda verificação empírica produz um reflexo conceitual e supõe, portanto, mediações teóricas.

O cerne do debate: a dependência é um traço do capitalismo latino-americano ou a dependência é o próprio capitalismo latino-americano, particularizado? Em outras palavras: as determinações mais universais do modo de produção capitalista podem ser reproduzidas em regiões dependentes sem reproduzir, ao mesmo tempo, aquele conjunto de determinações particulares?

Notemos que é clara aqui a analogia com a controvérsia travada no seio da II Internacional (e que levou à sua ruptura) sobre a caracterização do imperialismo no início do século XX. Tratava-se de um traço do capitalismo na virada do século (um tipo de política econômica) ou do desdobramento histórico do próprio capitalismo, em sua totalidade (e que se encontrava na raiz de seu traço mais perceptível empiricamente, a corrida armamentista)?

Esta relação entre particularidade e universalidade permite ainda outra analogia, com as lutas por direitos. É possível dissociar a reprodução das opressões de classe da reprodução de todas as demais opressões? Respondemos: não é possível superar de fato a opressão de classe capitalista sem a superação da forma capitalista de todas as opressões concretas. E não é possível superar a forma capitalista destas opressões sem superar a

opressão de classe. A estas constatações deve aportar a compreensão da concretude da reprodução capitalista.

A teoria marxista da dependência avança na compreensão da realidade social latino-americana, portanto, porque propõe a apreensão das particularidades do capitalismo na região a partir do marxismo, buscando entendê-las sob a perspectiva da compreensão da própria existência social – da reprodução material da existência. Deve, por isso, relacionar as particularidades do capitalismo na região às determinações mais essenciais desta reprodução material que, dado o caráter capitalista de nossa conformação societária, são as determinações mais essenciais à própria reprodução capitalista: a produção e consumo de mercadorias, com a mercantilização da força de trabalho. Não se trata de compreender a reprodução capitalista na região em comparação àquela que se dá nos países centrais, tomando-os como ‘tipo ideal’. Mas, ao contrário, de compreender a concretude de ambos os processos e sua complementaridade na reprodução e historicidade do próprio modo de produção capitalista em escala mundial.

É da produção e consumo de mercadorias como forma de reprodução material da vida, com a mercantilização da própria força de trabalho, que decorre a contradição entre produção social e apropriação privada nas sociedades capitalistas. (E o caráter cada vez mais social da produção e cada vez mais privado da apropriação.) Assim, é necessário investigar as particularidades da reprodução capitalista dependente. Mas partindo da compreensão de que é a própria produção e consumo de mercadorias que sobredetermina estas particularidades. Elas não existem dissociadas da produção e consumo de mercadorias. E, por sua vez, a própria produção e consumo de mercadorias só existe na reprodução desta totalidade – e é dela indissociável. Ao se reproduzir a vida por intermédio da forma-mercadoria, reproduzem-se e aprofundam-se aquelas determinações particulares. Ou, em outros termos: o desenvolvimento capitalista na América Latina reproduz a dependência.

4_EMPÍRICISMO E ESSENCIALISMO NA INVESTIGAÇÃO DA ‘QUESTÃO SOCIAL’

Com estas reflexões, chegamos ao terceiro ponto, *uma consideração “de método” sobre o empiricismo e o essencialismo na investigação da questão social e de suas refrações.*

Parece-me que, também no que diz respeito à análise da questão social e de suas refrações, o empiricismo e o essencialismo estão sempre à espreita. É comum encontrar a seguinte dicotomia: ou se analisa a questão social na América Latina apenas pelos elementos mais imediatos – por exemplo, ao descrever o desemprego, descrever a desigualdade, descrever as condições de trabalho –, mas sem entender o porquê isso existe, da maneira que existe, sem uma teoria sobre o que é a dependência latino-americana; ou então se analisa somente as determinações mais essenciais do capitalismo, porém sem compreender que isso não existe dissociado da história, não existe anistoricamente, não existe fora das condições concretas nas quais existe. Portanto, a questão social tem sim particularidades na América Latina que precisam ser compreendidas, porque a realidade social latino-americana existe e tem particularidades, assim como qualquer outra realidade social.

De distintas maneira empiricista e de maneira essencialista, portanto, o idealismo parte e reproduz uma absurda contraposição entre essência e existência. É frequente, inclusive, que ambas se combinem.

Este não é um “problema do serviço social”, mas sim constitui dois importantes influxos idealistas no marxismo, de cuja tradição as formulações sobre a ‘questão social’ são herdeiras. E, se consideramos esta tradição, deve ser, como tudo, compreendido à luz da História, único pressuposto do materialismo histórico-dialético, único pressuposto do marxismo. (Ao contrário da ciência burguesa, o marxismo não deve ter “pressupostos” ou “postulados”. Seu único pressuposto é a existência social concreta.)

Para combater o assistencialismo clássico, empiricista, reivindicou-se através do movimento de reconceituação crítica do serviço social o caráter materialmente essencial dos complexos de determinações que conformam a ‘questão social’, remetida à contradição estruturante do próprio modo de

produção capitalista entre a produção cada vez mais social e a apropriação cada vez mais privada, e não à escassez, como defendia o assistencialismo clássico.

Em muitas apreensões, contudo, esse caráter essencial é idealizado e essencializado, dissociado das formações sociais concretas, isto é, de sua própria existência e concretude, mediante a qual os complexos de determinações que remetem à ‘questão social’ sobredeterminam a reprodução social em seu conjunto.

Identificando aquele essencialismo, que por vezes possibilita e idealiza a ‘questão social’, ocorre contudo também com frequência que não existe muito material disponível para estudar aquelas particularidades ou especificidades da formação social a partir de uma perspectiva efetivamente materialista. O material que existe – inclusive em muitas obras clássicas – escreve brilhantemente aquela especificidade e falha em perceber quais são suas determinações mais essenciais, idealizando-as.

Produz-se, assim, não raro, o amálgama entre uma visão essencializada acerca de uma ‘questão social’ ideal, que “se manifesta” ou “se expressa” na realidade concreta, entendida de maneira empiricista.

5_CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho não suscita conclusões. Ao contrário, exige uma agenda de trabalho e pesquisa, vinculada às lutas pela conquista de direitos e pela própria superação do capitalismo.

Buscamos indicar, apenas, que a síntese histórica concreta sobre as apreensões da realidade e as lutas da classe trabalhadora ao largo do século XX não será jamais realizada apenas nos marcos da contribuição teórica, na medida em que ela mesma não pode jamais dissociar-se da prática. Trata-se da principal tarefa colocada hoje à luta de classes, a partir da síntese e superação construtiva de nossos erros e conquistas, no processo de

construção de processos revolucionários dos quais emergem os próprios sujeitos que se afirmem concretamente como tal.

REFERÊNCIAS

- BOITEMPO. O Capital [livro I]. Disponível em: <<https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/o-capital-livro-i-653>>. Acesso em: 7 jul. 2018.
- CARCANHOLO, Reinaldo. **Marx, Ricardo e Smith**: sobre a teoria do valor-trabalho. Vitória: EDUFES, 2012, 248p.
- ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. In: MARX, K. & ENGELS, F. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.
- IAMAMOTO, M. V. A questão social no capitalismo. **Revista Temporalis**, Brasília, Ano 2. n. 3, jan./jul. 2001.
- MACHADO GOUVEA, Marina. **Imperialismo e método**: apontamentos críticos sobre problemas de tática e estratégia. Tese (Doutorado em Economia Política Internacional) – Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.
- MACHADO GOUVEA, Marina. Considerações sobre marxismo, filosofia da práxis e ‘questão social. ENCONTRO INTERNACIONAL E NACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL, 2017. **Anais...** Vitória, 2017.
- MARINI, Ruy Mauro. **Dialéctica de la dependencia**. Ediciones Era, 1973.
- MARX, Karl. Prefácio. In: _____. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- _____. Introdução. In: _____. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- _____. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.
- _____. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2008. v.3.
- _____.; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- PAULO NETTO, José. Cinco notas sobre a ‘questão social. **Revista Temporalis**, Brasília, Ano 2, n.3, jan./jul. 2001.
- SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. Sobre a essência humana em Marx. In: _____. **Filosofia da práxis**. Expressão Popular/CLACSO, 2007.